


ROMPENDO OS SILÊNCIOS SOBRE O PERFIL DO LAZER DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL

Recebido em: 10/10/2021

Aprovado em: 13/11/2021

Licença: 

*Lucilene Alencar das Dores*¹
Instituto Federal de São Paulo (IFSP)
Campos do Jordão – SP – Brasil

*Adriano Gonçalves da Silva*²
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG)
Curvelo – MG – Brasil

*Danilo da Silva Ramos*³
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

*Edmur Antonio Stoppa*⁴
Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo – SP – Brasil

*Hélder Ferreira Isayama*⁵
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: A ausência de estudos sobre o lazer e a negritude é a situação que nos chamou a atenção por reforçar, no âmbito da academia, o racismo que invisibiliza produções científicas sobre essa temática. Essa ponderação denuncia a existência do epistemicídio que reforça o apagamento cultural da negritude e reafirma a construção de

¹ Doutoranda em Estudos do Lazer pela UFMG; mestre em Estudos do Lazer pela UFMG; pesquisadora do Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (ORICOLÉ/UFMG), professora de Educação Física do Instituto Federal de São Paulo – Campus Campo do Jordão.

² Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Mestre e Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do Laboratório de Pesquisas em Formação e Atuação Profissional em Lazer da (ORICOLÉ/UFMG); do Grupo Gênero e Performance (GECE) e Núcleo de Estudos em Cultura e Ócio (NECO) da Universidade de Aveiro/Portugal.

³ Licenciado em História pelo Centro Universitário Geraldo de Biase – Volta Redonda – RJ, secretário e mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais.

⁴ Doutor em Estudos do Lazer, Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP), nos cursos de Graduação em Lazer e Turismo e no Programa de Pós-Graduação em Turismo. É líder do Grupo Interdisciplinar em Estudos do Lazer (GIEL) e participante do Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (ORICOLÉ/UFMG).

⁵ Docente da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. Líder do Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (ORICOLÉ/UFMG). Realiza Estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-graduação em Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

uma única história em que a branquitude se coloca como centro. Dessa maneira, o objetivo desse estudo é analisar a vivência do lazer de negros e negras a partir dos dados coletados na pesquisa 'Lazer no Brasil'. A coleta de dados dessa pesquisa foi realizada através de entrevistas individuais, por levantamento amostral, utilizando um questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas. O tamanho da amostra foi de 2.400 entrevistas no Brasil. Percebemos a necessidade de produção de pesquisas sobre o lazer da população negra, sobretudo, estudos que deem conta de questionar os saberes hegemônicos circulantes, constituídos como história única. Ainda que as pessoas possam construir desejos semelhantes sobre o lazer, as vivências e as barreiras impostas às pessoas negras, sobretudo às mulheres negras, constituem particularidades que precisam ser tensionadas.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de lazer. Negritude. Racismo estrutural.

BREAKING THE SILENCES ABOUT LEISURE PROFILE OF BLACK POPULATION IN BRAZIL

ABSTRACT: The lack of studies on leisure and blackness is the situation that attracted our attention because it reinforces, within the academy, the racism that makes scientific productions on this subject invisible. This consideration denounces the existence of the epistemicide that reinforces the cultural erasure of blackness and reaffirms the construction of a single story in which whiteness is at the center. Thus, the aim of this study is to analyze the leisure experience of black men and women from the data collected in the 'Leisure in Brazil' survey. Data collection for this study was carried out by means of individual interviews, through a sample survey, using a structured questionnaire with open and closed-ended questions. The sample size was 2,400 interviews in Brazil. We realized the need to produce studies about the leisure of the black population, above all, studies that can interrogate the circulating hegemonic knowledge, constituted as a single story. Even though people can create similar desires about leisure, the experiences and barriers imposed on black people, especially black women, constitute features that need to be discussed.

KEYWORDS: Leisure activities. Blackness. Structural racism.

Introdução

*“Minha carta de alforria
não me deu fazendas,
nem dinheiro no banco,
nem bigodes retorcidos.
Minha carta de alforria
costurou meus passos
aos corredores da noite
de minha pele”*
Negro forro, de Adão Ventura

O Brasil, país colonizado que se favoreceu do trabalho escravo por mais de três

séculos, marginalizou um dos principais sujeitos do seu processo de construção, a população negra. A exclusão dessa etnia racial das condições dignas de vida é ferida aberta que ainda não foi cicatrizada em nossa sociedade. Os contextos vividos por esses grupos revelam na atualidade as marcas do processo de colonização que segregam violentamente os negros e as negras a viver com plenitude as relações sociais, profissionais, escolares, familiares e de lazer.

A existência de violências que marcaram e ainda marcam o povo negro se faz presente nessa escrita por reconhecermos que o racismo atravessa as trajetórias de vidas das pessoas negras. Em relação às questões raciais, Gomes (2002) atenta que ao falar do racismo não estamos potencializando o conflito entre os diversos grupos étnico-raciais. “Na realidade, é o silenciamento sobre essa questão que mais reforça a existência do racismo, da discriminação e da desigualdade racial” (p. 52).

A ausência de estudos sobre o lazer e a negritude é a situação que nos chamou a atenção por reforçar, no âmbito da academia, o racismo que invisibiliza produções científicas sobre essa temática. A título de exemplo, citamos a Revista *Licere*⁶ que, nos últimos cinco anos, publicou 393 artigos e desse total, apenas quatro apresentaram no título ou nas palavras-chave alguma relação com o debate sobre negro/a, negritude, etnia/raça (MACKEDANZ *et al.*, 2021; OLIVEIRA *et al.*, 2019; NUNES e CHAVES, 2019 e SANTOS; PIMENTEL, 2019).

Essa ponderação denuncia a existência do epistemicídio que reforça o apagamento cultural da negritude e reafirma a construção de uma única história em que a branquitude se coloca como centro. Além disso, coloca as diversas experiências

⁶ Periódico editado pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. *Licere* é um periódico trimestral que se dedica a discussão sobre o tema Lazer, em suas múltiplas dimensões e a partir de uma perspectiva multidisciplinar. A revista tem como objetivos registrar, difundir e compartilhar publicamente o conhecimento construído na área do Lazer, bem como contribuir com o avanço qualitativo dos estudos e experiências desenvolvidas (ISAYAMA e MELO, 2014).

socioculturais dentro de uma forma homogênea e com determinados padrões a serem aplicados a toda negritude, quando na realidade cada pessoa negra tem suas características próprias (ADICHIE, 2019). Corroboramos com os pensamentos de Collins (2018) em que:

Escolhas epistemológicas sobre quem é digno de crédito, no que acreditar e por que algo é verdadeiro não são questões acadêmicas neutras. Pelo contrário, essas questões dizem respeito à problemática fundamental de como são determinadas as versões da verdade que irão prevalecer (COLLINS, 2018, p. 154).

Enquanto pesquisadores no campo dos Estudos do Lazer, que se sentem comprometidos com a construção de narrativas que possibilitem a presença das vozes das pessoas negras nas produções científicas, nos sentimos desafiados a revisitar a pesquisa ‘Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas’⁷ (STOPPA; ISAYAMA, 2017) para revelar os dados que fazem referência às relações entre o lazer e a negritude. Dessa maneira, o objetivo desse estudo é analisar a vivência do lazer de negros e negras a partir dos dados coletados na pesquisa ‘Lazer no Brasil’.

A coleta de dados dessa pesquisa foi realizada através de entrevistas individuais, por levantamento amostral, utilizando um questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas. O universo da pesquisa foi composto por indivíduos que residem no Brasil, com idade maior do que sete anos. A amostragem foi selecionada por meio de sorteio dos municípios, levando em consideração as variáveis de região, sexo, idade, escolaridade e renda familiar (BRASIL, 2010), com um erro amostral de 2% para o país e nível de confiança de 95%. Assim sendo, o tamanho da amostra foi de 2.400 entrevistas no Brasil, sendo 1.011 na Região Sudeste (STOPPA; ISAYAMA, 2017).

⁷ Essa pesquisa foi realizada em âmbito nacional, com a participação de 11 pesquisadores/as e 8 bolsistas de Iniciação científica de 8 Universidades de diferentes regiões do Brasil. O projeto foi financiado pela Secretária Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer (SNDEL) do Ministério do Esporte (no governo atual o órgão gestor do esporte é a Secretaria e Especial do Esporte do Ministério da Cidadania), no período de 2012 a 2015, com a publicação do livro com os primeiros resultados em 2017 (STOPPA; ISAYAMA, 2017).

Antes da coleta de dados, o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Depois de validar os dados, estes foram inseridos em banco de dados desenvolvido para a pesquisa, contendo regras de validação que impediam a entrada de dados estranhos às possíveis respostas para as perguntas fechadas. Além disso, foi realizado teste de consistência em 100% dos dados, garantindo a correta e completa digitação.

O sistema utilizado para a análise dos dados da pesquisa ‘Lazer no Brasil’ tornou possível não só a consulta às informações, mas também a utilização de filtros para cada questão da pesquisa. Devido a essa possibilidade, o presente estudo foi realizado a partir da consulta aos dados, utilizando principalmente o filtro ‘Cor/raça’, que apresentou como possibilidades: branca, preta, parda, amarela e indígena. Apesar de reconhecermos a importância política do agrupamento de pessoas pretas e pardas em uma mesma categoria para a compreensão da população negra, optamos aqui pela análise a partir das respostas das pessoas que se reconhecem como pretas. Considerando esse recorte, o erro amostral da pesquisa passou a 5,2%.

Segundo Devulsky (2021), a nomenclatura do pardo se coloca como insuficiente e anacrônica, tanto para marcar o pertencimento necessário à negritude, quanto para distingui-lo das outras racializações que integram o campo do não branco. Buscando esquivar-se dessas ambiguidades, este estudo teve seu foco nas pessoas pretas e os possíveis diálogos entre suas respostas e as respostas de pessoas brancas. Além do uso dos filtros ‘Sexo’, masculino e feminino, e ‘Trabalhando’, tendo como opção sim ou não, para indicar como essas variáveis poderiam interferir nos resultados.

As perguntas da pesquisa ‘Lazer no Brasil’ utilizadas na análise deste estudo foram: O que faz como obrigação? O que faz no fim de semana? O que faz durante a

semana? O que faz nas férias? O que gostaria de fazer no tempo livre? O que gostaria de fazer nas férias? Para a primeira pergunta, utilizamos as respostas estimuladas, ou seja, aquelas respondidas quando o entrevistador apresentava um cartão/disco com as possíveis respostas. As respostas das demais perguntas foram agrupadas em categorias, cujo detalhamento foi consultado no sistema, no intuito de enriquecer a análise.

As vivências de lazer obtidas nas respostas da pesquisa foram distribuídas pelas categorias: Ócio, Turismo, Físico-esportivo, Artístico, Social, Manual, Intelectual, Qualificação/estudos e Outros. Esta classificação tem inspiração nos conteúdos culturais do lazer propostos por Dumazedier (1980), que apresenta em seus estudos cinco áreas fundamentais de interesses verificados no lazer: manuais, físicos, intelectuais, artísticos e sociais. Destacamos também os interesses turísticos, que de acordo com o Camargo (2002), formam um sexto grupo de conteúdos culturais do lazer.

Assim, a compreensão dos dados quantitativos foi realizada a partir de interrogações e reflexões, buscando confrontá-los aos dados e considerações de outros estudos, tendo por base, principalmente, o debate étnico-racial no Brasil. A estratégia de análise compreensiva, proposta aqui, apontou questionamentos a partir dos dados da pesquisa ‘Lazer no Brasil’, propondo a discussão tanto sobre as questões evidenciadas quanto sobre outras que são silenciadas para a compreensão do lazer das pessoas negras no Brasil.

Lazer e Trabalho no Cotidiano de Pessoas Negras no Brasil

Discutir sobre lazer, trabalho e cotidiano pode nos levar a vários caminhos metodológicos e bibliográficos, além da necessidade de olhar o passado para compreender a manutenção de determinadas estruturas sociais, econômicas e culturais do presente. Nesse sentido, fizemos uma síntese sobre o processo histórico da

população negra do Brasil. A finalidade com tal escolha foi apresentar ao leitor(a) nosso entendimento sobre como a história ainda influencia a contemporaneidade, sem termos a intenção de aprofundar em discussões conceituais e dos processos aqui discutidos.

Uma das estruturas socioculturais existentes na história é o trabalho. Podemos citar sua presença entre os ensinamentos religiosos de diversas matrizes, como no cristianismo⁸⁹, e em teorias evolucionistas, como de Friedrich Engels, este propõe que o trabalho agiu como um dos fatores preponderantes para a transformação do macaco em homem (ENGELS, 2006). A dinâmica do trabalho, enquanto estrutura sociocultural, é constantemente transformada junto à sociedade, ou seja, cada sociedade no tempo histórico apresenta um “mundo do trabalho”¹⁰ próprio.

Nesse sentido, a invasão¹¹ da África e das Américas no século XIV transformou o trabalho (nestes espaços) a partir da cultura do invasor. Com o advento da escravidão¹², a vida dos povos do continente africano foi modificada, ocasionando a diáspora africana e, conseqüentemente, efeitos que se fazem presentes na sociedade contemporânea (RODRIGUES, 2012). Assim, para abordarmos o contexto da relação de trabalho das pessoas negras no Brasil é necessário considerarmos o passado. Pois, existem raízes estruturais que foram germinadas ao longo do tempo e ainda florescem em maior ou menor escala na atualidade, como o racismo, o desemprego e a violência.

⁸ A referência à criação do mundo como fruto do trabalho de Deus é encontrada no livro de Gênesis. Disponível em “<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/busca?q=G%C3%AAnesis+2>.”

⁹ Citamos o cristianismo como exemplo no artigo. Cabe ressaltar que o trabalho é discutido enquanto categoria da vida humana em outras religiões – como candomblé e budismo - cada qual com sua especificidade.

¹⁰ Ressaltamos que mesmo vivendo sobre um modo de produção comum, cada sociedade apresenta sua própria maneira de encarar o trabalho, ponderamos que o trabalho não é um conceito homogêneo, pelo contrário.

¹¹ Segundo Lisboa (2014) não podemos falar em uma “descoberta da América”. Esse fato não só encobre a história dos povos que aqui viviam, como parte de uma estrutura sutil de manutenção de uma linguagem colonizante.

¹² A escravidão é um processo histórico que possui diversos formatos em diferentes sociedades através dos tempos. Entretanto, a escravidão que será justificada pela cor da pele inicia junto aos invasões europeus em sua incursão pelo mundo a partir do século XIV.

Silva (2013) traz um panorama em relação a esses aspectos históricos supracitados, inerente à relação entre trabalho e pessoas negras no Brasil. Para este autor podemos dividir o tema em fases, sendo: (1) Escravidão: Página nefasta da história em que a população negra foi forçada ao trabalho, retirada violentamente da África e reduzida à condição de mercadoria, tendo o trabalho como sentido de existência¹³; (2) Pós-escravidão: As pessoas negras tiveram que disputar postos de trabalho com imigrantes devido ao impulsionamento da imigração como política de embranquecimento da população¹⁴; (3) Industrialização e as constantes mudanças no mundo do trabalho que acompanharam o desenvolvimento do capitalismo no Brasil; (4) Constituição de 1988: Mesmo sendo questionável o peso que deu para as desigualdades raciais construídas historicamente, acabou materializando-se como instrumento jurídico maior para parte das lutas antidiscriminatórias e conseqüentemente por igualdade racial e (5) Atualidade: Final do século XX e início do XXI e a manutenção das desigualdades raciais (SILVA, 2013).

Além da dinâmica histórica, é necessário depreender que o trabalho no século XXI adquiriu novos sentidos e formas, deixando-o ainda mais precarizado, heterogêneo e alienante, inclusive emergindo (devido à nova configuração) teses que afirmam o fim do trabalho (ANTUNES e ALVES, 2004). Esse processo de mudanças no mundo do trabalho pode ser considerado como “Uberização” (FRANCO; FERRAZ, 2019).

Em todas as etapas citadas, temos a população negra como um grupo social atravessado pelo racismo. Assim, o racismo torna-se uma estrutura para o

¹³ Para mais informações acesse a página da Biblioteca Nacional do especial sobre Tráfico de Escravos no Brasil, disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/trafico-de-escravos-no-brasil/o-trabalho-escravo-no-brasil/>.

¹⁴ Em uma crítica aos estudos sociológicos e históricos sobre o mundo do trabalho no Brasil, de como ao longo das décadas o negro foi negligenciado, Sílvia Hunold Lara (LARA, 1998) aponta a necessidade de estudos que coloquem o negro como parte integrante das mudanças sociais ocorridas no Brasil ao longo do tempo. E nesse sentido, na concepção da autora, colocar fim a dicotomias como negro liberto x imigrante, pois, existe uma rede complexa de relações que vão além desta disputa, principalmente analisadas em nível regional.

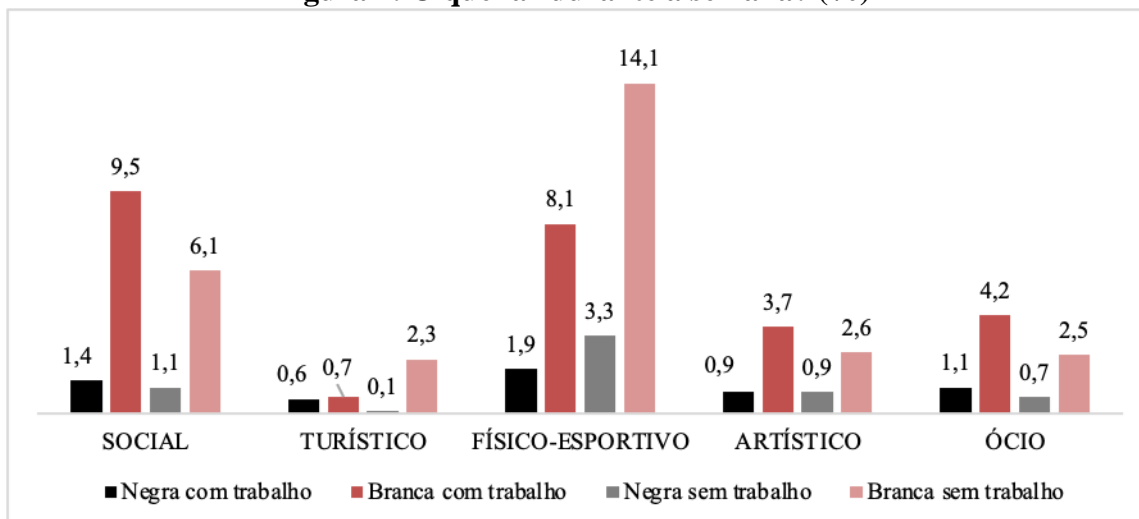
desenvolvimento da sociedade brasileira, tal qual aponta Almeida (2019). O lazer não é uma bolha que flutua distante da realidade, o racismo (assim como todas as formas de opressões, a exemplo da homofobia e do machismo) está presente em suas dimensões, manifestações e práticas. Ou seja, existem barreiras para o acesso de pessoas negras ao lazer que foram configuradas no passado, atravessadas pela formação dessa estrutura étnico-racial vigente.

Consideramos que o lazer, assim como o trabalho, acompanha a humanidade ao longo da história e na atualidade configura-se em dimensão social com igual importância à saúde, educação e cultura. Nesse sentido, optamos por operar o conceito de lazer a partir de sua caracterização como fenômeno cultural, sendo difícil demarcar, exatamente, as separações dos tempos sociais (GOMES, 2014). Um dos fatores levados em consideração nessa escolha foram as configurações históricas de transformações da desigualdade entre os tempos sociais, de trabalho e de lazer durante a história do Brasil, principalmente ao nos debruçarmos sobre o papel e lugar de ocupação pelas pessoas negras¹⁵.

Dessa forma, a partir da conceituação de lazer como dimensão da cultura e da construção histórica da situação da população negra, analisamos os resultados das perguntas “o que faz durante a semana?” e “o que faz no fim de semana?”, da pesquisa “Lazer no Brasil”. As categorias de raça e trabalho foram aglutinadas nos gráficos 1 e 2, apresentados a seguir, permitindo a análise da vivência dos interesses sociais, turísticos, físico-esportivos, artísticos e do ócio, considerando as pessoas negras e brancas com e sem algum vínculo de trabalho.

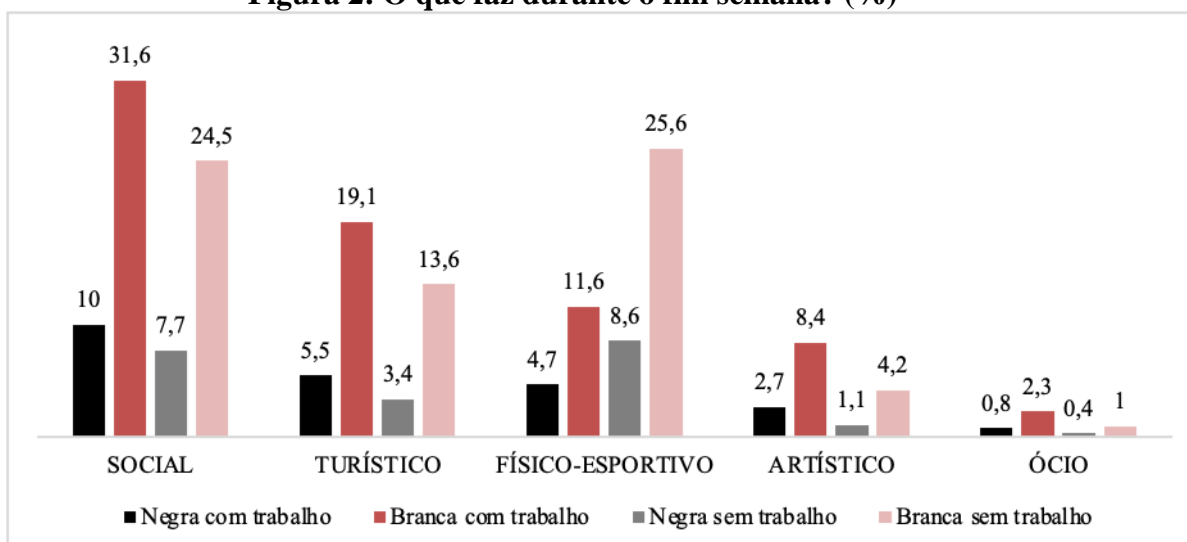
¹⁵ Ressaltamos que historicamente existe dentro destes fenômenos uma diferenciação dos sentidos, saberes e dinâmica quando analisamos os aspectos citados no texto em relação ao gênero.

Figura 1: O que faz durante a semana? (%)



Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração dos autores.

Figura 2: O que faz durante o fim semana? (%)



Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração dos autores.

Os dados demonstram que as pessoas negras não apresentam percentuais de vivências maiores do que as pessoas brancas em nenhuma das categorias de práticas de lazer inclusas na pesquisa, independente se for durante a semana ou nos fins de semana. Além disso, as pessoas brancas, mesmo as que declararam não estar trabalhando, apresentaram maiores percentuais de vivência de interesses culturais do lazer do que as pessoas negras com e sem trabalho, em todas as categorias.

Outra questão que os dados da pesquisa demonstram é que o turismo tem maior volume de vivências nos finais de semana em relação aos dias de semana, considerando todos os grupos analisados. Essas vivências turísticas abarcaram, na pesquisa ‘Lazer no Brasil’, além das viagens, pequenos deslocamentos como visitas a familiares, passeios de carro, banhos de rio, ida aos shoppings, zoológicos, praças e outros espaços públicos. Apesar dessa diversidade de possibilidades de vivências consideradas como turísticas, ao colocar em perspectiva a relação comparativa entre as pessoas negras com trabalho e as brancas sem trabalho, emerge a desigualdade no acesso à vivência dessas práticas. Nesse sentido, por qual motivo a população negra, mesmo quando trabalha, não consegue vivenciar o turismo em igualdade a uma pessoa branca com trabalho, ou até mesmo a que não trabalha? Abordaremos esta questão com mais ênfase posteriormente.

Com relação às atividades sociais, as pessoas brancas com trabalho apresentaram-se como o grupo com maior vivência desse conteúdo cultural, tanto em dias úteis quanto nos finais de semana. O percentual de pessoas brancas com trabalho que vivenciam atividades sociais nos finais de semana foi três vezes maior em relação às pessoas negras na mesma condição. Disparidade que também acontece em relação às pessoas sem trabalho, visto que enquanto 7% das pessoas negras nesta condição vivenciam atividades sociais, 24,5% das pessoas brancas apontaram praticar atividades desse tipo.

Considerando as atividades físico-esportivas, as pessoas brancas sem trabalho ocupam as primeiras posições, sendo 25,6% para os fins de semana e 14,1% durante a semana. A prática dessas atividades apresenta aumento nos finais de semana, para as pessoas brancas com trabalho, de 11,6%, e para as pessoas negras sem trabalho, de 8,6%. Dessa forma, demonstra-se que pessoas brancas sem trabalho praticam estas atividades mais que o dobro de todos os outros, aos finais de semana. Chama nossa

atenção, o fato de 1,9% e 4,7% das pessoas negras com trabalho realizarem essas atividades durante a semana e fins de semana, respectivamente. Então, quais seriam os motivos que impedem a pessoas negras de acessarem as atividades físico-esportivas? Durante a semana praticam em torno de cinco vezes menos que as pessoas brancas na mesma condição e doze vezes menos que pessoas brancas sem trabalho. Podemos citar como barreiras para essa prática, a falta de atividades físico-esportivas ofertadas pelo Estado.

Inferimos que alguns traços da estrutura social, determinadas pelo capitalismo, interferem sobre as vivências/experiências de lazer quando realizado pela população negra, em todas as categorias abordadas na pesquisa. Sobre esses traços, podemos marcar as diferenças salariais, concentração de pessoas negras em bairros periféricos¹⁶, o abismo causado pela concentração de renda, violência urbana, violência policial, violência estatal, racismo e outros. Apresentaremos alguns desses elementos que reforçam nossa discussão.

Não podemos deixar de citar a violência que é parte sistêmica do cotidiano das pessoas negras. Nesse sentido, compartilhamos os dados do Atlas da Violência¹⁷, referentes ao ano de 2012, agrupados em raça e sem divisão de gênero, referindo-se ao número de homicídios. Houve 16.401 homicídios de pessoas não identificadas como negras, enquanto, quando se trata de pessoas negras, o número chegou a 38.742.

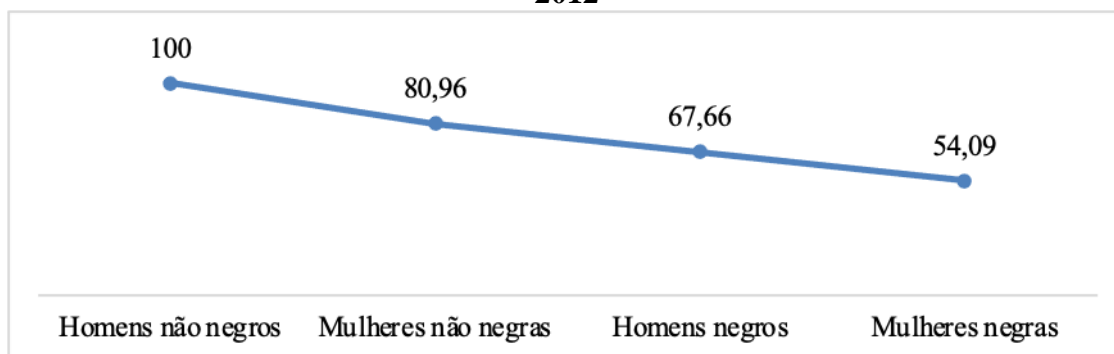
Ponderamos que, segundo dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) sobre o biênio 2011-2012, as pessoas negras ocuparam os postos de trabalho que exigem menor qualificação profissional (serviços

¹⁶ Sobre esta característica ressaltamos os condicionantes advindos disso como: a dificuldade de acesso e serviço dos transportes públicos, a distância para grandes centros onde existe uma parte considerável da estrutura para o lazer (seja público ou privado), a violência, a infraestrutura por vezes precária e outras. Sobre essa questão Santos; Pimentel (2019) destaca que essa segregação sócio-espacial não é apenas um produto do contexto social, possui também uma perspectiva ideológica de apartação, dos moradores das periferias, do conjunto da cidade.

¹⁷ Dados disponíveis em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>

da construção civil e domésticos), além de receberem menos. Na análise sob o ângulo do gênero, a situação das mulheres negras aponta ainda mais a desigualdade. Esses são marcadores importantes ao abordarmos o lazer, ao passo que demonstra a capacidade de consumo, tempo disponível para o lazer e o tipo de acesso ao lazer. Apresentamos os dados da pesquisa supracitada:

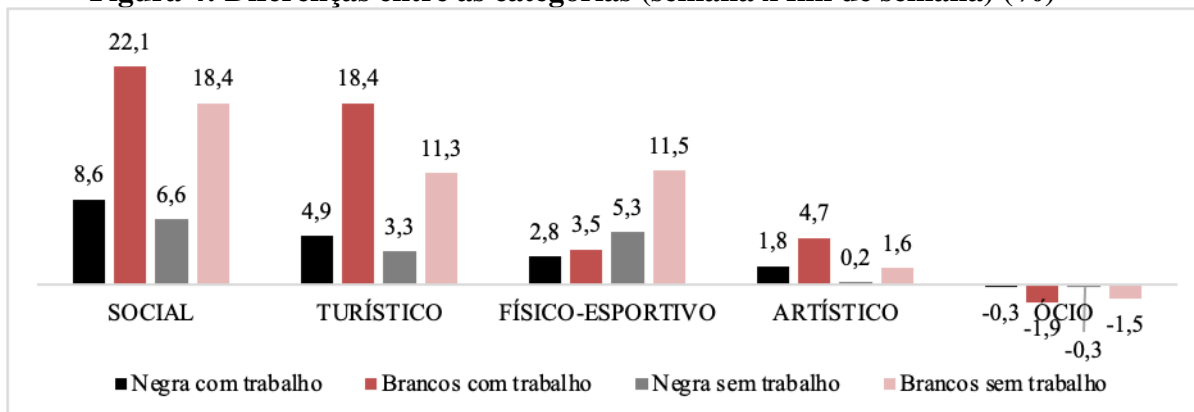
Figura 3: Média entre a proporção dos rendimentos médios reais por hora (1) dos Ocupados (2), por cor e sexo, em relação aos rendimentos médios reais por hora dos homens não negros. Regiões Metropolitanas e Distrito Federal - Biênio 2011-2012



Fonte: Dados do DIEESE. Elaboração dos autores.

Organizando as informações de uma maneira a visualizarmos as mudanças das práticas de lazer captadas pela pesquisa, comparando os dias da semana com os fins de semana, percebemos que as pessoas brancas com trabalho dobram suas atividades nas categorias sociais e artísticas, e triplicam na turística. Esse aumento, apesar de ser verificado em comparação com pessoas as negras com trabalho, é menor.

Figura 4: Diferenças entre as categorias (semana x fim de semana) (%)



Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração dos autores.

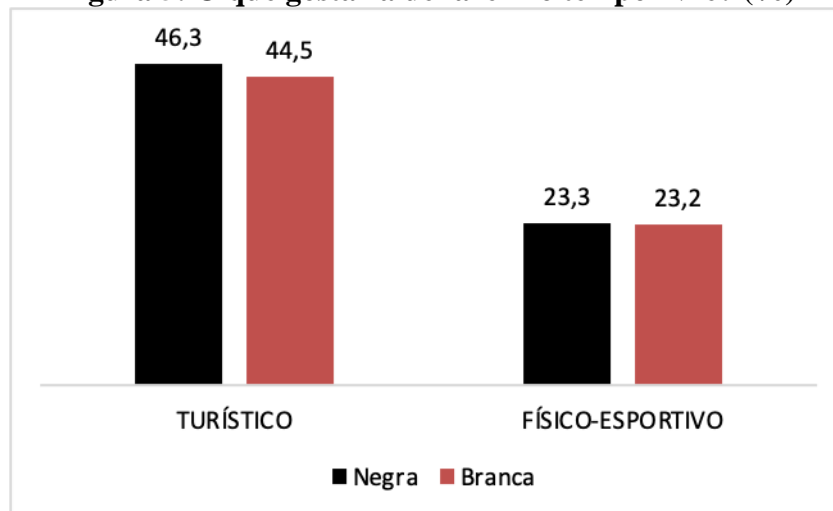
Ressaltamos a queda na realização do “ócio” para os grupos étnicos raciais pesquisados. Depreendemos disso que os fins de semana podem nem sempre se configurar como espaços para o ócio, uma possibilidade é de que o capitalismo, mesmo no século XXI, tenha alcançado um nível que nos tire o direito à preguiça¹⁸, e os finais de semana se tornam espaço para realização de tarefas outras que não sejam configuradas entre lazer e ócio. Compreendemos, assim, que o lazer comporta embates relacionados a sua concretização na vida das pessoas, entre o que se deseja praticar e o que realmente é possível vivenciar. Dessa forma, não poderíamos abordar o lazer da população negra no Brasil sem destacar as expectativas e barreiras vivenciadas e que provocam reflexões epistemológicas sobre o lazer.

Entre Vivências, Desejos e Barreiras: O Lazer da População Negra no Brasil

Enquanto as vivências de lazer da população brasileira evidenciam as relações de poder presentes no acesso desigual a direitos sociais básicos, uma aparente uniformidade se apresenta no que diz respeito à construção dos desejos sobre o consumo de vivências de lazer. Na pesquisa ‘Lazer no Brasil’, quando as pessoas foram perguntadas sobre o que gostariam de fazer em seu tempo livre, os desejos apresentados por pessoas brancas e negras destacaram o turismo e as práticas físico-esportivas com percentuais semelhantes.

¹⁸ Aqui nos referimos a obra “O direito à preguiça” de Paul Lafargue, o autor sugere que o trabalhador disponha do direito ao ócio, onde discute sobre a falta de espaço nas condições do capitalismo europeu da metade do século XIX para o descanso dos operários (LAFARGUE, 2005).

Figura 5: O que gostaria de fazer no tempo livre? (%)



Fonte: Pesquisa “Lazer no Brasil”. Elaboração dos autores.

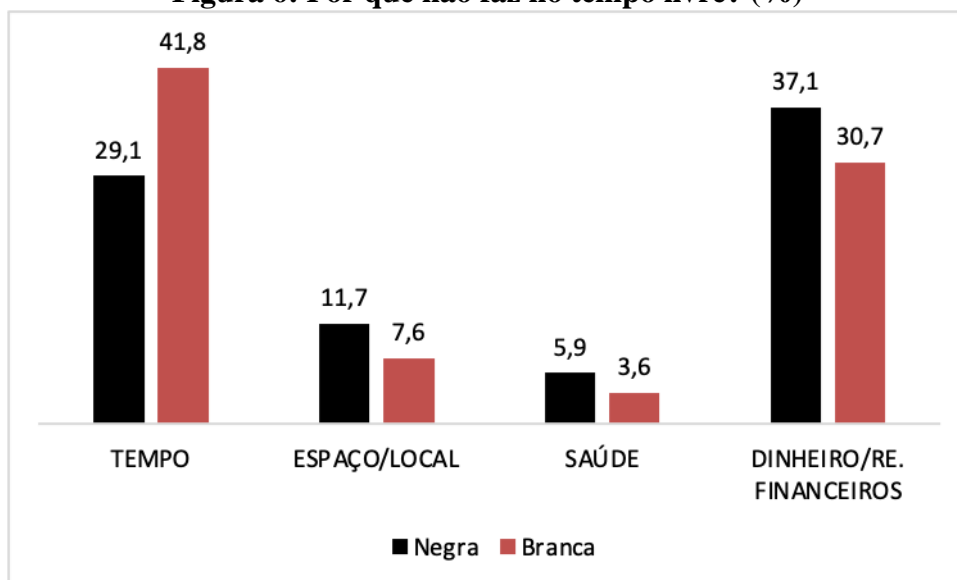
Apesar das diferentes formas com que os grupos vivenciam experiências culturais, a elaboração de desejos sobre o lazer nas sociedades capitalistas está vinculada à compreensão do lazer como algo a ser consumido. Dessa forma, a associação entre desejo, lazer e consumo contribui para a movimentação do mercado, disseminando a ideia de que o prazer está relacionado ao acesso a determinadas experiências e bens materiais. Para Mezzaroba, Zoboli e Correia (2018, p. 261), “o que a cultura midiática promove é a circulação de determinados modos de afecção que gerenciam o desejo, produzindo sujeitos com determinado gosto, percepção e comportamento”.

Nesse processo que envolve a divulgação de produtos, atividades, procedimentos e formas de relacionar, a construção de desejos sobre o consumo de experiências prazerosas nas atividades físicas e no turismo se relaciona a uma ideia de obtenção de bem-estar e felicidade. Enquanto as práticas físico-esportivas fazem parte do rol de possibilidades de relação com o corpo no tempo do lazer, vinculando-se ao bem-estar, o consumo turístico é apresentado como experiência de felicidade, associado ao consumo

gastronômico, artístico, de hospitalidade e à sensação de liberdade (AURELIANO-SILVA, OLIVEIRA e ALVES, 2017).

No entanto, as barreiras que se apresentam no alcance de tais práticas de lazer, bem-estar e felicidade são mais severas para as pessoas negras na sociedade brasileira. Ser negro ou negra significa poder construir diferentes desejos sobre o tempo livre, mas enfrentar os entraves socioeconômicos impostos pela condição de exclusão em que a população negra se encontra submetida. De forma geral, tempo e dinheiro são os principais obstáculos sociais para a vivência das práticas de lazer desejadas, segundo a pesquisa “Lazer no Brasil”. Contudo, enquanto 41,8% das pessoas brancas destacam o tempo como razão para não vivenciarem os desejos sobre o lazer, as condições financeiras de 37,1% das pessoas negras são suas barreiras mais notáveis. Assim, a falta de tempo para o lazer não é o primeiro problema para quem não tem sequer recursos econômicos para vivenciá-lo.

Figura 6: Por que não faz no tempo livre? (%)



Fonte: Pesquisa “Lazer no Brasil”. Elaboração dos autores.

Essa disparidade é confirmada pelos dados do IBGE (2018) que apontam que as famílias brasileiras chefiadas por pessoas negras vivem com quase a metade do total despendido pelas famílias que têm como referência uma pessoa branca. Nas famílias

negras, a despesa per capita mensal é de R\$18,36 com atividades de lazer e viagens, enquanto nas famílias brancas, os gastos com essas atividades são de R\$34,41. De acordo com a pesquisa “Lazer no Brasil”, além das barreiras relacionadas à falta de tempo e recursos financeiros, ainda que em menor percentual, a falta de espaços e condições de saúde aparecem como impedimentos para a vivência do lazer. Nos dois casos, são as pessoas negras as mais afetadas por essas carências.

A falta de espaços adequados para a vivência do lazer, destacada por 11,7% das pessoas negras encontra ressonância na distribuição socioespacial desigual que caracteriza as cidades. A qualidade dos espaços de lazer, das áreas verdes, dos parques e das praças, segundo Silva (2017), é diretamente proporcional à renda da vizinhança em que esses espaços estão localizados. O que implica em menos possibilidades de lazer acessível e gratuito para uma parcela da população que é afastada de seu direito à cidade. Nesse sentido, o Estado deixa de cumprir seu papel como promotor da justiça social, uma vez que os espaços de lazer são frequentados principalmente por quem faz parte de grupos que já usufruem de privilégios sociais.

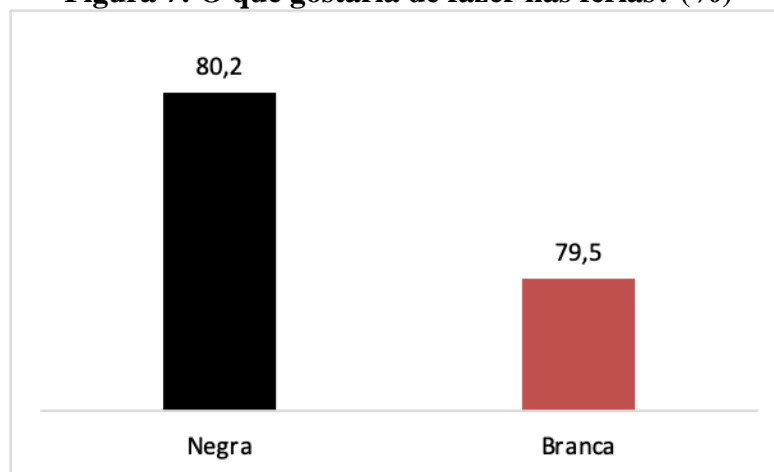
A negligência do Estado na garantia de serviços, obras, políticas públicas e direitos humanos se configura como uma forma de racismo institucional no que diz respeito à saúde e ao saneamento básico. Apesar de constituir um problema social, o fato de o perfil daqueles mais vulneráveis e vitimados pelas condições ambientais insalubres ser atravessado pelo marcador de raça continua sendo tratado com indiferença (JESUS, 2020). A população negra do Brasil enfrenta barreiras estruturais e cotidianas que incidem sobre seus indicadores de saúde, produzindo altas taxas de mortalidade materna e infantil, precocidade de óbitos, maior prevalência de doenças crônicas e infecciosas e altos índices de violência (BRASIL, 2017). Assim, as condições

de saúde se apresentam, para as pessoas negras, como mais uma possível barreira para a vivência do lazer.

Com relação, especificamente, às práticas de lazer desejadas para o período das férias, as barreiras de tempo, dinheiro, saúde e espaços disponíveis são igualmente identificadas, contudo, as dificuldades financeiras possuem maior destaque, atingindo 60% das pessoas negras e 55% das brancas. Como destacou Marcellino (2012), as férias não são uma realidade para todas as pessoas. A venda das férias ou parte delas, a busca por trabalhos temporários e o aumento das obrigações familiares são fatores que podem contribuir que para grande parte da população mantenha as férias no imaginário, mas se afaste de sua vivência efetiva.

Os desejos sobre as férias estão relacionados, principalmente, à vivência de interesses turísticos. Ainda que o turismo não esteja entre as atividades mais vivenciadas pelas pessoas negras, quando perguntadas sobre o que gostariam de fazer nas férias, é o turismo que se destaca.

Figura 7: O que gostaria de fazer nas férias? (%)



Fonte: Pesquisa “Lazer no Brasil”. Elaboração dos autores.

Um dos motivos para o turismo configurar-se no imaginário de grande parte da população pode estar relacionado à presença de anúncios de passeios e locais que prometem as férias dos sonhos em vários meios de comunicação. Além da cultura

digital ampliar as possibilidades de atrações turísticas desejáveis, ela pode proporcionar às pessoas a sensação de serem produtoras de suas próprias experiências turísticas, escolhendo lugares e experiências que gostariam de vivenciar (RICHARDS, 2017). Assim, é possível observar que o fato de o turismo fazer parte do imaginário brasileiro não significa que ele seja vivenciado da mesma forma pelos diferentes grupos. As férias como símbolo do descanso, da diversão e de contraponto ao trabalho, muitas vezes, não se concretizam como tal, mas se colocam como reforço da desigualdade racial brasileira.

Se o turismo é desejado como atividade das férias por grande parte da população do Brasil, caberia perguntar onde estão as pessoas negras no turismo? O que distancia o imaginário sobre as férias de sua vivência? Quais questões estão associadas à falta de tempo, dinheiro, espaço e saúde, constituindo especificidades na vivência das férias e do turismo pela população negra? Se os dados da pesquisa “Lazer no Brasil” não dão conta desses questionamentos, um passeio por estudos realizados no campo do turismo, revelam pistas para a compreensão desse contexto.

Ferreira e Casagrande (2020), destacam que pensar o turismo enquanto um fenômeno sociocultural requer o reconhecimento de seu processo de construção de significados. Os artefatos tecnológicos a serviço do fenômeno turístico não funcionam a despeito das disputas de poder presentes na sociedade. Assim, as experiências turísticas podem assumir um papel segregador, materializando violações da dignidade humana, atravessadas por marcadores de todos os tipos, inclusive, étnicos e raciais. O que significa que ainda que as pessoas negras obtenham tempo, dinheiro e saúde para a vivência do turismo, sua experiência é permeada ou impedida pela construção de determinações que buscam definir quem pode ser considerado consumidor turístico e quem não pode.

Nesse contexto, as práticas estruturantes da sociedade produzem as estigmatizações, os preconceitos, as violências e as discriminações vivenciadas pelas pessoas negras brasileiras ao consumirem o turismo, já que as práticas racistas são naturalizadas no cotidiano. Além das barreiras socioeconômicas, ser confundida com a babá, ter dificuldade em conseguir alugar hospedagens para si em plataformas online, não corresponder ao perfil de turista desejado, receber tratamento desigual e menosprezo são situações colocadas às pessoas negras enquanto turistas (FERREIRA; CASAGRANDE, 2020).

O incômodo que as pessoas negras causam ao assumirem o lugar de consumidoras do turismo não desaparece quando ocupam postos de trabalhadoras do turismo. De acordo com Santos *et al.* (2020), mesmo em Salvador, a capital mais negra do Brasil, as pessoas negras que trabalham no ramo do turismo tendem a lidar com situações constrangedoras, como a preferência de turistas no atendimento realizado por pessoas brancas, acusações de roubo e diversas posturas preconceituosas.

Ao contrário da indignação que causa o sofrimento do povo judeu, escravizado e exterminado pelos nazistas, a naturalização do racismo no Brasil chega ao ponto de possibilitar que, no interior do estado do Rio de Janeiro, uma fazenda ofereça a vivência do papel de escravocrata por um dia. Nessa experiência, segundo Oliveira (2016), as pessoas passam um final de semana ouvindo um sarau na fazenda, sendo servidas por pessoas vestidas de escravas e ciceroneadas por sinhás, em um exercício de ‘volta ao passado’ sem nenhuma problematização da questão da escravidão.

Nesse caso, as pessoas negras são produzidas e percebidas como parte do processo de consumo turístico por meio de estratégias que buscam constituir-las como o outro exótico e mercantilizável. Para Silveira e Baptista (2017), o turismo utiliza práticas de significação institucionais para promover uma apresentação, muitas vezes

reduzidora dos lugares e das pessoas, enquanto mero espetáculo de entretenimento. A partir dos efeitos desse processo, Marinho (2020) analisou as relações de consumo e as expressões culturais na comunidade quilombola Kalunga, no estado de Goiás. A autora percebeu embates dos nexos comunitários e sociais, apresentando, de um lado, as tradições locais e a memória do grupo historicamente constituídas e incorporadas de acordo com as relações comunitárias, e de outro, opções classificatórias padronizadas, desde o ícone quilombola à oferta de bens, produtos e serviços étnico-raciais ao turismo.

Essa transformação das pessoas negras no outro exótico e mercantilizável também ganha sentido quando o mercado se apropria da lacuna resultante do afastamento forçado da população negra de sua ancestralidade africana. Uma empresa de turismo “afrocentrada”, de acordo com Oliveira (2021), vem oferecendo um produto que engloba o resultado do teste de DNA agregado a uma experiência gastronômica africana, álbum de fotos de resgate ancestral, pulseira gravada com o nome da região de origem africana, consultoria estética, aula de quimbandô e desconto em viagens para o continente africano.

No entanto, esse cenário mercadológico do turismo comporta também, a partir de experiências negativas vivenciadas por pessoas negras no turismo, empreendimentos que buscam se constituir como espaços democráticos, de resistência e existências positivas. Uma dessas empresas, protagonizada por pessoas negras, se define como uma rede de anfitriões e viajantes interessados em vivenciar e valorizar a cultura negra. Ferreira e Casagrande (2020, p.164), compreendem que esse tipo de empreendimento pode contribuir para o fortalecimento de redes econômicas/solidárias, e para “ressignificar as dores vivenciadas por ser uma pessoa negra em uma sociedade brasileira, especialmente às mulheres negras, maioria de pessoas que utilizam a plataforma”.

O lazer das Mulheres Negras no Brasil

Desde sua chegada ao país, as mulheres que foram escravizadas lutaram em prol da vida, estabelecendo batalhas cotidianas por respeito e valorização. Embora considerado crime¹⁹, seja de forma explícita ou até mesmo sutil, a sociedade brasileira permanece praticando racismo, de maneira similar às vivências ocorridas no período de colonização, em que os castigos aos negros eram tão intensos que desconsideravam sua condição humana. Valente (1994) aponta que tudo o que é problemático para a população negra atinge de maneira especial as mulheres uma vez que elas sofrem de tripla discriminação: sexual, social e racial.

A condição da mulher negra, hoje em dia, mesmo com a criminalização do racismo, constitui-se como uma difícil realidade, com inúmeras desvantagens e injustiças sociais. Como exemplo dessa realidade, podemos citar inúmeros casos que apresentam de maneira explícita a prática do racismo. Escolhemos um caso recente²⁰, ocorrido no contexto pandêmico, que causou grande repercussão midiática no Brasil. No dia 2 de junho de 2020, o menino Miguel Otávio, filho de Mirtes Souza, caiu do nono andar de um prédio de luxo em Tamandaré, Pernambuco. A mãe da criança é uma mulher negra, empregada doméstica, que não pode se desligar da profissão em tempos pandêmicos e, talvez por isso, o filho a acompanhava.

¹⁹ Assinada em 5 de janeiro de 1989, pelo então presidente da República, José Sarney, a Lei nº 7.716, que “define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor”, completa mais de 30 anos de sua criação. Em seu artigo 1º, a referida lei aponta que “serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. O crime de racismo também foi considerado forma de violação dos direitos e liberdades individuais na Constituição Federal de 1988, por meio do inciso XLII, do artigo 5º, que aponta que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei”.

²⁰ Durante o exercício da sua atividade profissional de doméstica, Mirtes deixou Miguel aos cuidados de sua empregadora, Sari Corte Real, mulher branca e esposa do atual prefeito da cidade. Esta, por sua vez, permitiu que a criança circulasse sozinha pelos andares do prédio como se fosse natural autorizar uma criança de 5 anos a andar livremente sem a presença e os cuidados do adulto. Esse caso foi noticiado por vários veículos midiáticos como podemos ver por meio do site <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/06/29/caso-miguel-ela-e-um-monstro-uma-pessoa-fria-e-calculista-diz-mae-do-menino-apos-conversar-com-ex-patroa-nadelegacia.ghtml>, acessado dia 09 de agosto de 2020.

Esse episódio, recentemente vivido na sociedade brasileira, é uma denúncia de algo maior que é a condição subalterna e a coisificação da negra a objetos concretos, sem vida, sem sentimentos e sem alma. Essa lamentável e inaceitável situação, é a condição em que se encontra a mulher negra tendo em vista a estrutura social que a coloca de forma inferiorizada em relação ao homem e até mesmo a mulher branca.

Diante desse breve contexto, reconhecemos que o racismo é o ponto de partida que define e marca as experiências de lazer vivenciadas pelos corpos das mulheres negras. Frente isso, compreendemos que é importante demarcar o lazer das negras no Brasil, mesmo que para isso seja necessário recorrer a nossa percepção enquanto pesquisadores para realizar as análises dos dados coletados na pesquisa ‘Lazer no Brasil’. Além disso, acreditamos que as nossas trajetórias de vida possuem memórias vivas que são elementos que podem colaborar com as reflexões sobre o lazer e a negritude considerando que atualmente a academia possui poucos estudos dessa natureza.

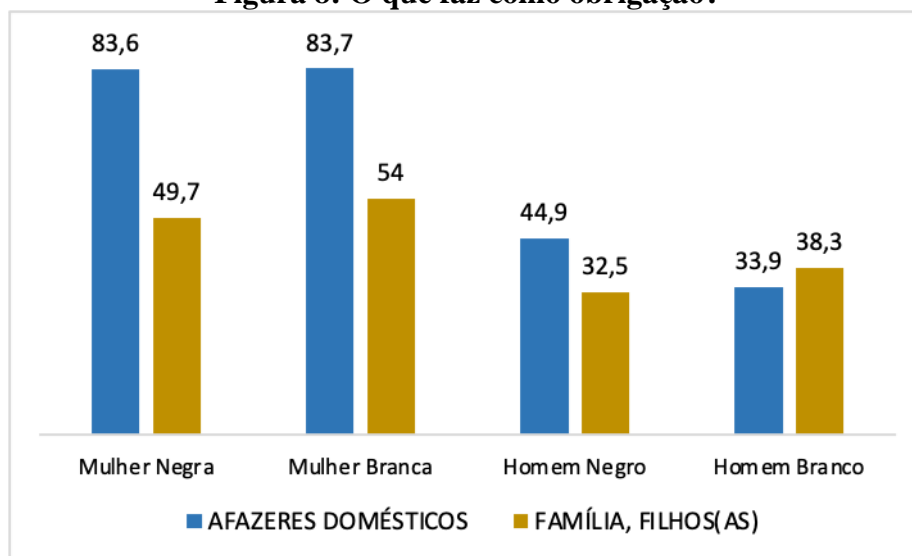
Várias pesquisas realizadas²¹ nos últimos anos mostram que as mulheres negras trabalham mais e recebem menos, quando comparadas aos homens. No estudo realizado por Lima, Rios e França (2013), que analisou os processos de estratificação social da participação das mulheres negras no mercado de trabalho no período de 1995 a 2009, apresentou um destaque desfavorável das mulheres considerando sua origem e seus mecanismos de produção e reprodução, identificou que:

²¹ Com o intuito de elaborar reflexões que podem ser utilizadas nas construções de políticas públicas, o Dossiê Mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil, editado pelo Ipea em parceria com a Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPP/PR) e a ONU Mulheres, apresenta várias pesquisas em que a ideia de interseccionalidade considera para suas análises a relação da categoria mulheres com classe, geração, regionalidade ou orientação sexual e outras. Informações disponíveis em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20978. Acessado em 19/08/2020.

No caso das desigualdades de gênero, embora as mulheres apresentem um melhor desempenho educacional (média de anos de estudos mais elevada, maiores taxas de escolarização em todos os níveis de ensino e uma maior proporção de pessoas com nível superior concluído), elas ainda enfrentam desafios no que diz respeito aos retornos esperados pelo investimento educacional: seus rendimentos são inferiores aos dos homens, sua participação nos postos de comando e na condição de proprietárias-empregadoras ainda é restrita (LIMA; RIOS; FRANÇA, 2013, p. 54).

Ao nos aproximamos dos dados da pesquisa ‘Lazer no Brasil’, apesar de termos conhecimento de que a proposta não foi construída especificamente para a investigação das relações étnicas raciais com o lazer, fica evidente a limitação dos dados para analisar as categorias ‘sexo/gênero’ e raça. Contudo, os resultados apresentam pistas interessantes para pensarmos sobre o comportamento de mulheres e homens, considerando as atividades que elas e eles realizam por obrigação.

Figura 8: O que faz como obrigação?



Fonte: Pesquisa “Lazer no Brasil”. Elaboração dos autores.

De acordo com as respostas apresentadas, as obrigações de maior relevância para as entrevistadas foram os ‘afazeres domésticos’ sendo, em média, 84% das respostas das mulheres, independente da raça declarada. Outro dado bem significativo foi que 49,7% das mulheres negras e 54% para as mulheres brancas compreendem os cuidados com a ‘família/filhos’ como obrigação. Comparando essas respostas com as informadas pelos entrevistados, os ‘afazeres domésticos’ como obrigação foram

sinalizados por 44,9% dos homens declarados da raça negra e 33,9% dos homens declarados da raça branca. Para os cuidados com a ‘família/filhos’ o resultado foi de 32,5% dos homens negros e 38,3% dos homens brancos.

Em pesquisa²² realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, indicou que as mulheres dedicam em média 21,4 horas semanais aos cuidados de pessoas e afazeres domésticos contra 11 horas dos homens. Esses dados evidenciam como as mulheres, independente da raça, compreendem as suas obrigações com as atividades domésticas e familiares o que pode, por vezes, devido ao envolvimento com essas obrigações reduzir a disponibilidade de seus tempos para as vivências de lazer a partir das suas próprias escolhas pessoais.

Corroborando com essa reflexão, o estudo de Montenegro (2019) indicou que as mulheres possuem ocupações domésticas que limitam o tempo para o lazer e a formação cultural, indicando a existência de desigualdades no que tange à apropriação de tempo para o lazer, tendo em vista a condição de ser mulher. O autor aponta que

[...] que algumas professoras relataram a realização de atividades de obrigação doméstica em seu cotidiano, como cuidar da casa, lavar roupas, cuidar da família (filho e pais idosos). Tais atividades, que também podem ser realizadas pelos homens, não foram destacadas como atividade cotidiana por nenhum dos professores que entrevistei (MONTENEGRO, 2019, p. 120).

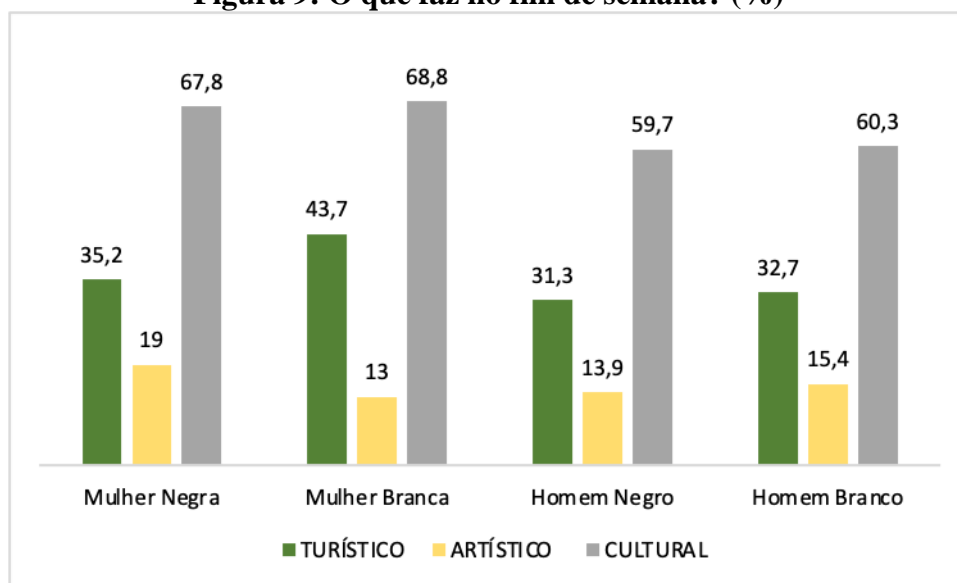
Os marcadores sociais são responsáveis pelas diferenças de acesso às vivências de lazer às quais as mulheres são submetidas, quando comparadas às experiências dos homens. No contexto do estudo de Montenegro (2019), as mulheres entrevistadas concluíram o ensino superior. Apesar dessa experiência de formação profissional inicial contribuir, em alguma medida, com o acesso aos bens culturais e a reflexão sobre a importância das vivências de lazer para a formação humana, foi identificado que a condição de ser mulher implica em assumir afazeres domésticos que interferem na

²² Informações sobre os dados do IBGE disponíveis em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30173-mulheres-com-criancas-ate-tres-anos-de-idade-em-casa-tem-menor-nivel-de-ocupacao>. Acessado em 13/05/2021.

maneira apropriação das experiências de lazer. Nesse sentido, compreendemos que as desigualdades de ‘gênero/sexo’ são determinantes na forma como as mulheres desfrutam as experiências de lazer.

Outro ponto importante para compreender o lazer das mulheres negras é a identificação do tipo de experiências escolhidas por elas. A figura abaixo apresenta as respostas para a pergunta ‘o que faz no fim de semana?’.

Figura 9: O que faz no fim de semana? (%)



Fonte: Pesquisa “Lazer no Brasil”. Elaboração dos autores.

Ao analisar os dados da pesquisa ‘Lazer no Brasil’ referente a pergunta que levanta as vivências de lazer realizadas no final de semana, verificamos que as mulheres negras destacam interesse pelo social²³ 67,8%, seguido do turístico 35,2% e, posteriormente, o artístico 19%. Observamos que o turismo é a segunda vivência mais desejada pelas mulheres negras. Como destacado anteriormente, o turismo é vivência de desejo da população negra, mesmo que as barreiras socioeconômicas – dificuldades de conseguir hospedagens, não ter o perfil desejado de turista, receber tratamento desigual

²³ O interesse social como vivência de lazer ao final de semana abre inúmeras possibilidades de análises. Nesse sentido, optamos por focar no desejo pelo turismo como o destaque de maior interesse das mulheres negras.

e, no caso das mulheres, ser confundida com a babá – sejam elementos de dificultem o acesso.

Em relação ao desejo por atividades sociais percebemos que as mulheres negras e brancas possuem, em média, o mesmo percentual 68% contra 60% do interesse pelo social que foi manifestado pelos homens, independente da raça declarada. Seguindo essa mesma direção, encontramos similaridade em percentuais nas respostas sobre o interesse turístico e artístico de homens e de mulheres, negros e brancos, com um percentual pouco maior em relação ao interesse turístico para as mulheres brancas e, um percentual um pouco mais elevado para o interesse artístico das mulheres negras. A proximidade nos percentuais encontrados referentes aos interesses sociais, turísticos e artísticos de mulheres e homens, negros(as) e brancos(as), apontam para a construção de um imaginário social do que vem a ser uma atividade de lazer interessante para o final de semana.

Outro ponto que podemos destacar, mas que ainda merece a realização de estudos de aprofundamento científico, é o interesse artístico das mulheres negras, quando inclinado para a produção ou contemplação que remete a cultura da população negra. As manifestações artísticas no âmbito cultural podem tanto fortalecer e valorizar socialmente o ser mulher negra quanto, também, pode desmerecer a sua raça.

Para Paula e Dores (2020), as experiências de lazer no âmbito cultural estão ligadas a processos educativos que podem colaborar com a formação pessoal e social dos sujeitos de forma a resistir aos modelos sociais hegemônicos que “dificultam a inserção dos negros na vida social como um todo, seja no sistema de ensino, no mercado de trabalho e nas relações sociais cotidianas, de maneira a impedi-los de exercerem a sua cidadania” (p.640).

Ao mesmo tempo que é importante reconhecer o potencial educativo contra hegemônico do lazer, deve-se também atentar para as armadilhas que o racismo estrutural impõe aos processos de aprendizados das vivências de lazer ao qual todos nós estamos sujeitos. Para compreender a relação entre lazer e negritude nas produções culturais faz-se necessário “não apenas ampliar o número de produções que incluam artistas negras/os e contemplem as nossas experiências, como também a urgente diversificação das representações por eles veiculadas, rompendo com a estereotipia” (VIANA; VIANA, 2019, p. 273). O racismo e o machismo são muito presentes nas produções de cinema de forma a estereotipar e invisibilizar a mulheres negras o que dificulta a plena transformação social de forma igualitária (VIANA; VIANA, 2019).

Considerações para uma Epistemologia do Lazer da População Negra

Eu sou negro. Eu sou negro sim. Mas por acaso negro não tem olhos Boca? Hein? Negro não tem mão, não tem pau, não tem sentido Boca? Hein? Não come da mesma comida? Não sofre das mesmas doenças, Boca? Hein? Não precisa dos mesmos remédios? Quando a gente sua, não sua o corpo tal qual um branco, Boca? Hein? Quando vocês dão porrada na gente, a gente não sangra igual, meu irmão? Hein? Quando vocês fazem graça, a gente não ri? Quando vocês dão tiro na gente, porra, a gente não morre também? Pois se a gente é igual em tudo, também nisso vamos ser, caralho! (Ó Paí, Ó. 2007).

Praticar o lazer é sinônimo de (re)existir para a negritude. Para finalizar este artigo, tomamos emprestado a revolta de Roque, personagem de Lázaro Ramos no filme “Ó Paí, ó”, durante uma discussão com Boca, personagem de Wagner Moura, para seguirmos na construção de uma sociedade que proporcione condições para equidade entre os grupos étnicos raciais e relações de gênero, nas possibilidades de vivências do lazer.

Em nosso estudo, percebemos a necessidade de produção de pesquisas sobre o lazer da população negra, sobretudo, estudos que deem conta de questionar os saberes hegemônicos circulantes, constituídos como história única. Ou seja, é necessário validar

conhecimentos que sejam capazes de desestabilizar formas de pensar o tempo, o lazer, o trabalho e a cultura que desconsideram as especificidades vividas pelas pessoas negras no Brasil. Uma epistemologia do lazer da população negra no Brasil deveria, ao nosso ver, considerar a problematização do racismo estrutural, institucionalizado e naturalizado, que atravessa o cotidiano das pessoas negras, subordinadas a lidar com piores condições de trabalho, menores salários, mais desemprego, menos acesso a espaços, menos condições de saúde, além da convivência com a discriminação.

Consideramos que é preciso ter em conta, na construção dessa epistemologia, que o lazer não pode ser conceitualmente homogêneo, à medida em que sua vivência não é a mesma em uma sociedade de classes, racista, machista, homofobia e opressora. Ainda que as pessoas possam construir desejos semelhantes sobre o lazer, as vivências e as barreiras impostas às pessoas negras, sobretudo às mulheres negras, como destacamos neste artigo, constituem particularidades que precisam ser tensionadas.

Por fim, compreendemos que as reflexões e as conceituações sobre o lazer não podem se constituir a despeito das vozes negras, da consideração das vivências que perpassam corpos negros. É preciso questionar: de qual lazer estamos falando? Lazer de quem? Quais relações com o tempo, com o trabalho e com a cultura, estamos considerando? Quais opressões e quais formas de resistência estão envolvidas na constituição do lazer da população negra no Brasil?

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Kindle. 2019.
- ALMEIDA, S. L. D. **Racismo estrutural**. Kindle. Editora Jandaíra, 2019.
- ANTUNES, R. e ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade** [online]. v. 25, n. 87, p.335-351, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000200003>. Acesso em: 01 Jul. 2021. Epub 22 Set 2004. ISSN 1678-4626.

AURELIANO-SILVA, Leonardo; OLIVEIRA, Paulo Sérgio Gonçalves; ALVES, Carlos Alberto. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, v. 11, n. 3, p. 436-453, 2017.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde da População Negra: uma política para o SUS**. 3. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia feminista negra. *In*: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2018. p. 152-189.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

ENGELS, F. **O papel do trabalho na transformação do trabalho em homem**. Trabalho necessário, 2006.

FERREIRA, Michel Alves; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Movimentos, tecnologias e pessoas negras: é possível um outro turismo? **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v. 8, n. 1, p. 149-167, 2020.

FRANCO, D. S. e FERRAZ, D. L. D. S. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. **Cadernos EBAPE.BR** [online]. v. 17, n. especial, p. 844-856, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395176936>. Acesso em 3 Jul. 2021. Epub 09 Dez 2019.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer - RBEL**, [s. l.], v. 1, n. 1, 31 maio 2014.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, set./dez., 2002, p. 40-52. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782002000300004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 09 ago. 2020.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018.

ISAYAMA, H. F.; MELO, V. A. de. Licere: uma revista brasileira de lazer. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v.36, n.4, 2014. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2014.11.011>.

JESUS, Victor. Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra: um continuum colonial chamado racismo ambiental. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.29, n.2, 2020.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. Kindle. 2005.

LARA, S. H. Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História.**, Jan-Jun. 1998.

LIMA, Márcia; RIOS, Flávia, FRANÇA, Danilo. Articulando gênero e raça: a participação das mulheres negras no mercado de trabalho (1995 – 2009). In: MARCONDES, Mariana Mazzini; PINHEIRO, Luana; QUEIROZ, Cristina; QUERINO, Ana Carolina e VALVERDE; Danielle (orgs). **Dossiê mulheres negras:** retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: IPEA, 2013. p. 53-80.

LISBOA, A. de M. De América a Abya Yala - Semiótica da descolonização. **Revista de Educação Pública**, v. 23, n. 53/2, p. 501-531, 2014. DOI: 10.29286/rep.v23i53/2.1751. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1751>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MACKEDANZ, C. F., FERREIRA, E. T., SILVA, G. G. da; BENDER, L. B., AFONSO, M. da R. e RIGO, L. C. O Negro no futebol brasileiro: uma revisão sistemática a partir de periódicos nacionais da EF. **Licere**, v.24, n.2, p. 147–172, 2021. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.34897>.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer:** uma introdução. Campinas: Autores Associados, 2012.

MARINHO, Thais Alves. Autenticidade, consumo e reconhecimento quilombola: do neotribalismo à sociedade do consumo. **História**, São Paulo, v.39, p. 1-28, 2020.

MEZZAROBA, Cristiano; ZOBOLI, Fábio; CORREIA, Elder Silva. A gestão do desejo dos corpos através da comunicação e mídia: um estudo panorâmico-monográfico dos periódicos da Educação Física brasileira. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 30, n. 55, p. 258-273, 2018.

MONTENEGRO, Gustavo Maneschy. **Lazer e formação cultural:** uma análise das trajetórias de professores universitários nos estados do Pará e Amapá. 2019. 180 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

NUNES, R. R.; CHAVES, E. Lazer e Cultura: o cotidiano da Comunidade dos Arturos. **Licere**, v.22, n.1, p. 231–262, 2019. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2019.12321>.

Ó Paí, Ó. Direção: Monique Gardenberg. [S. l.: s. n.], 2007. DVD.

OLIVEIRA, Cecília. Turistas podem ser escravocratas por um dia em fazenda ‘sem racismo’. **The Intercept Brasil**, 2016. Disponível em: <https://theintercept.com/2016/12/06/turistas-podem-ser-escravocratas-por-um-dia-em-fazenda-sem-racismo/>. Acesso em 30 set. 2021.

OLIVEIRA, E. C. da S., SANTOS, L. C. S., SILVA, J. B. L. da e ASSUMPCÃO, L. O. T. Os Movimentos Sociais para Apropriação e Consolidação do Espaço de Lazer e Cultura “Zumbi dos Palmares” Localizado em Teresina-PI. **Licere**, v.22, n.1, p. 69–90, 2019. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2019.12313>.

OLIVEIRA, Natália Araújo. Turismo diaspórico, teste de DNA e *cozinhas*: experiência gastronômica de consumidores de uma agência de turismo afrocentrada. *Ágora*, St. Cruz Sul, v.23, n.1, p. 99-114, 2021.

PAULA, Juliana Araújo de; DORES, Lucilene Alencar das. **A negritude e o lazer**: entrelaçamentos possíveis a partir do olhar dos pesquisadores do estudo do lazer. ENCONTRO INTERNACIONAL CIENTÍFICO OTIUM E CONGRESSO IBEROAMERICANO DE ESTUDOS DO LAZER, ÓCIO E RECREAÇÃO, 14, 2020, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: EEEFTO/ UFMG, 2020. Disponível em: <https://cdn.congresse.me/7iwkkfkvai4ql2se28k76n9pneps>. Acesso em 21 jul. 2021.

RICHARDS, Greg. El consumo de turismo en la posmodernidad o en la modernidad líquida. **Oikonomics**, n.7, p. 5-11, 2017.

RODRIGUES, R. S. Entre o passado e o agora: diáspora negra e identidade cultural. **Rev. Epos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, dez. 2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178700X2012000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 01 jul. 2021.

SANTOS, Diogo Victor; BOMFIM, Kedma Nascimento; VIÑAL JÚNIOR, José Veiga; SÁ, Natália Silva Coimbra. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 10, n.1, p. 85-106, jun. 2020.

SANTOS, E. S. dos. Segregação Sócio-espacial, Lazer e o Papel do Estado. **Licere**, v.12, n.3, 2009. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2009.862>.

SANTOS, S. dos; PIMENTEL, G. G. de A. Rudimentos Teóricos Direcionados à Educação Para/Pelo Lazer na Perspectiva Afro-Brasileira. **Licere**, v.22, n.1, p. 445–472, 2019. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2019.12328>.

SILVA, R. M. D. C. **História dos trabalhadores negros no Brasil e desigualdade racial**. Universitas Jus, 2013.

SILVEIRA, Lélian; BAPTISTA, Maria Manuel. A mercantilização e exotização do outro no turismo. In: BRAMBILLA, Adriana; BAPTISTA, Maria Manuel; VANZELLA, Elídio; SILVEIRA, Lélian. (org.). **Cultura e turismo**: interfaces metodológicas e investigativas em Portugal e no Brasil. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017. p. 23-48.

STOPPA, Edmur Antônio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Introdução. In: STOPPA, Edmur Antônio; ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.). **Lazer no Brasil**: representações e concretizações das vivências cotidianas = Leisure in Brazil: representations and concretizations of everyday experiences. Campinas: Autores Associados, 2017.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser Negro no Brasil Hoje**. São Paulo: Moderna, 1994.

VIANA, Iara Pires; VIANA, Rosane Pires. Olhares cruzados: uma revisão bibliográfica sobre a mulher negra e o cinema em chave interseccional. **Revista Nós - Cultura, Estética e Linguagens**. Goiás, v.4, n.2, p. 264 – 274, 2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistanos/article/view/9521>. Acesso em 24 de jul. 2021.

Endereço dos(as) Autores(as):

Lucilene Alencar das Dores
Endereço eletrônico: Lucilene.pelc@gmail.com

Adriano Gonçalves da Silva
Endereço eletrônico: adrigonss@yahoo.com.br

Danilo da Silva Ramos
Endereço eletrônico: danilopelc@gmail.com

Edmur Antonio Stoppa
Endereço eletrônico: stoppa@usp.br

Hélder Ferreira Isayama
Endereço eletrônico: helderisayama@yahoo.com.br